



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
LINHA DE PESQUISA: GEOGRAFIA CULTURAL E DA PERCEPÇÃO**

ALEXSANDER NEVES DOS SANTOS

**TERRITÓRIO DISTÓPICO EM *1984*, DE GEORGE ORWELL: UMA INTERFACE
ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA**

**GUARABIRA/PB
2022**

ALEXSANDER NEVES DOS SANTOS

**TERRITÓRIO DISTÓPICO EM *1984*, DE GEORGE ORWELL: UMA INTERFACE
ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico) apresentado à Coordenação de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Geografia.

Área de concentração: Geografia Cultural e da Percepção

Orientadora: Prof^a. Me. Maria Aletheia Stedile Belizário

**GUARABIRA/PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S2371 Santos, Alexander Neves dos.
Território distópico em 1984, de George Orwell
[manuscrito] : uma interface entre geografia e literatura /
Alexander Neves dos Santos. - 2022.
37 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2022.
"Orientação : Profa. Ma. Maria Aletheia Stedile Belizário ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."
1. Geografia e Literatura. 2. Território. 3. Distopia. I. Título
21. ed. CDD 910

ALEXSANDER NEVES DOS SANTOS

TERRITÓRIO DISTÓPICO EM *1984*, DE GEORGE ORWELL: UMA INTERFACE
ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico) apresentado à Coordenação de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Geografia.

Área de concentração: Geografia Cultural e da Percepção

Aprovada em: **25/07/2022.**

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Me. Maria Aletheia Stedile Belizário (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Regina Celly Nogueira da Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, Maria, e ao meu pai, Manuel
Paulo (*in memoriam*), pelo encorajamento,
conselhos e carinho que me deram, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Segunda-feira, 18 de julho de 2022. São exatamente 22h53 no relógio e aqui estou eu, tentando encontrar palavras para descrever a gratidão que tenho a tantas pessoas que fizeram parte dessa jornada. São familiares, colegas de classe, professores, funcionários e demais estudantes que, de algum modo, marcaram positivamente os anos em que fui acadêmico em Geografia. Algumas pessoas já partiram desse mundo, mas carrego as boas memórias que construímos.

Primeiramente quero agradecer a Deus, Autor e Consumador do Universo. Por Ele, por meio d'Ele e para Ele são todas as coisas. Sem a sua infinita misericórdia, eu jamais teria alcançado algo com meus próprios méritos. Nos momentos mais difíceis recorri a Ele, e Deus ouviu as minhas preces, me renovando e me fortalecendo para enfrentar as lutas diárias. A Ele a glória!

Agradeço à minha mãe, Maria, que fez incontáveis sacrifícios para que eu chegasse até aqui. Em nenhum momento ela deixou de acreditar em meu potencial. Sempre tive nela o apoio incondicional. Ela é minha heroína. Um de seus desejos era ver seu filho se formar na Universidade. Pela graça de Deus esse desejo foi realizado. Agradeço também ao meu irmão, Fernando, que me apoiou nessa jornada.

Agradeço ao meu padrasto, Manuel Paulo (*in memoriam*), que orgulhosamente chamo de pai. Ao lado de minha mãe, ele me educou, me orientou ao bom caminho e me preparou para a vida. Há quase um ano ele partiu, e desde esse momento não há um dia que eu não lembre de seus sábios ensinamentos. Obrigado por tudo, meu querido pai. O senhor faz parte da minha formação como professor e como homem.

Agradeço à minha orientadora, Maria Aletheia Stedile Belizário. Desde o meu sexto semestre na universidade ela tem me ensinado e orientado com paciência, dedicação e carinho. Minha escolha por esse tema de pesquisa se deve a ela, que me orientou e me preparou para esse momento. Como grandes amantes da literatura que somos, eu me sinto grato por ter essa excelente professora e pessoa excepcional direcionando o meu aprendizado nestes anos na universidade. Gratidão!

Sou grato aos professores Belarmino Mariano Neto e Regina Celly Nogueira da Silva, que compuseram a banca examinadora deste trabalho. Agradeço a aceitação em avaliar esse artigo e pelas ricas sugestões de melhorias que me foram dadas. Fiquei contente em saber que ambos já haviam lido o livro *1984* em algum momento da vida, fato que contribuiu para a avaliação deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Sobre meus colegas de curso, quero dizer que conheci pessoas que tenho a honra de chamar de irmãos e amigos. Agradeço a todos pelo compartilhamento de experiências, pelas discussões geográficas e sobretudo, pelos bons momentos que passamos juntos. Foram aulas teóricas, viagens de campo, apresentações de seminários e noites mal dormidas que fortaleceram o nosso companheirismo.

Agradeço ao corpo docente do Departamento de Geografia e Pedagogia. Não citarei nomes, mas digo de antemão que todos os meus professores contribuíram de alguma forma para a minha formação. O curso de Geografia não forma apenas profissionais da educação, mas seres humanos com uma capacidade excepcional de se sensibilizar pelo próximo e não se calar perante as injustiças ocorridas no mundo. Tenho orgulho em dizer que sou geógrafo.

Agradeço aos funcionários do Campus, do Departamento e Coordenação de Geografia, biblioteca, ajudantes de limpeza, segurança e donos das lanchonetes que circundam a universidade. Sou grato pelo bom atendimento prestado em diversos momentos que precisei.

Agradeço à Prefeitura Municipal de Araruna, que disponibiliza o transporte escolar para o movimento pendular dos estudantes. Agradeço aos motoristas que nos conduziram durante esse período. Agradeço aos colegas do ônibus pelas boas conversas que tínhamos no deslocamento entre Araruna e Guarabira. Esses momentos criaram fortes vínculos e permitiram que nossa rotina diária não caísse na monotonia. Gratidão a todos!

“Sabemos que ninguém toma o poder com o objetivo de abandoná-lo. Poder não é um meio, mas um fim. Não se estabelece uma ditadura para proteger uma revolução. Faz-se a revolução para instalar a ditadura.” (ORWELL, 2019, p. 315-316).

043 – LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

SANTOS, Alexsander Neves dos. **Território distópico em 1984, de George Orwell: uma interface entre Geografia e Literatura**. 2022. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2022.

LINHA DE PESQUISA: Geografia Cultural e da Percepção

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Me. Maria Aletheia Stedile Belizário (Orientadora)

Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (Examinador)

Prof.^a Dr.^a Regina Celly Nogueira da Silva (Examinadora)

RESUMO

Neste trabalho, buscou-se compreender o elo entre Geografia e Literatura (ciência e arte). Por meio dos escritos literários percebe-se a intrínseca relação da literatura com temas geográficos, a exemplo da política, religião, organização espacial, segregação racial e social etc. Dentre os principais gêneros literários, a distopia desponta como um dispositivo que pode ser analisado sob a ótica da ciência geográfica, pois aborda temas como território, totalitarismo e relações de poder. O livro *1984* foi escrito por George Orwell em meados do século XX. A obra apresenta um mundo dividido em três grandes potências, com regimes de governo totalitários. Os eventos narrados se passam em Oceânia, Estado dominado pelo *Socing*. A estória gira em torno de Winston Smith, funcionário do Ministério da Verdade, relatando sua insatisfação silenciosa e os acontecimentos subsequentes ao seu ato de rebeldia. A interface entre a ciência geográfica e a literatura perdura desde o século XIX e é uma resposta ao movimento de renovação da Geografia, que vem buscando novos parâmetros de análise (BROSSEAU, 2013; MORAES, 1991). A literatura de ficção carrega o subjetivismo do autor, que é incorporado à obra. Assim, nota-se que os livros possuem forte relação com o espaço real, tornando-se, em muitos casos, um documento histórico-geográfico. A metodologia utilizada neste trabalho foi a fenomenologia, que buscou analisar as vivências do homem na ficção e na realidade, bem como estudar as essências da percepção (LIMA, 2014; MERLEAU-PONTY, 1999). Para tanto, foram realizadas leituras e releituras da obra, bem como a catalogação do referencial teórico pertinente ao tema. A pesquisa foi totalmente de caráter documental. A distopia *orwelliana* foi elaborada em um contexto de guerras, surgimento de regimes totalitários de governo e reordenamento territorial. Estes eventos contribuíram para o autor fazer uma projeção do que poderia ocorrer no futuro. Em sua obra, Orwell faz um alerta sobre os perigos do totalitarismo. No mundo distópico *orwelliano*, a implantação da Novafala e as teletelas são os principais mecanismos de dominação do regime, visando controlar a língua e as ações da sociedade oceânica. Na obra, observou-se temas de cunho geográfico, como territorialização (HAESBAERT, 2007), relações de poder (FOUCAULT, 2012) e totalitarismo (ARENDRT, 1989). Concluiu-se, portanto, que a Geografia e a Literatura possuem uma íntima relação, podendo ser utilizadas em análises temáticas diversas. Por meio da literatura podemos relacionar o imaginário com o real. Espera-se que este trabalho contribua para a propagação desse campo de pesquisa.

Palavras-Chave: Geografia e Literatura. Território. Distopia.

043 – FULL DEGREE IN GEOGRAPHY

SANTOS, Alexsander Neves dos. **Dystopian Territory in 1984, by George Orwell: an interface between Geography and Literature**. 2022. 37f. Completion of Course Work (Full Degree in Geography) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2022.

RESEARCH LINE: Cultural and Perception Geography

EXAMINATION BOARD:

Prof.^a Me. Maria Aletheia Stedile Belizário (Advisor)

Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (Examiner)

Prof.^a Dr.^a Regina Celly Nogueira da Silva (Examiner)

ABSTRACT

In this work, we sought to understand the link between Geography and Literature (science and art). Through literary writings, the intrinsic relationship between literature and geographical themes is perceived, such as politics, religion, spatial organization, racial and social segregation, etc. Among the main literary genres, dystopia emerges as a device that can be analyzed from the perspective of geographical science, as it addresses themes such as territory, totalitarianism, and power relations. The book *1984* was written by George Orwell in the mid-20th century. The work presents a world divided into three great powers, with totalitarian government regimes. The narrated events take place in Oceania, a state dominated by SOCING. The story revolves around Winston Smith, an employee at the Ministry of Truth, recounting his silent dissatisfaction and the events following his act of rebellion. The interface between geographic science and literature has lasted since the 19th century and is a response to the renewal movement of Geography, which has been seeking new parameters of analysis (BROSSEAU, 2013; MORAES, 1991). Fiction literature carries the author's subjectivism, which is incorporated into the work. Thus, it is noted that the books have a strong relationship with the real space, becoming, in many cases, a historical-geographical document. The methodology used in this work was phenomenology, which sought to analyze human experiences in fiction and reality, as well as to study the essences of perception (LIMA, 2014; MERLEAU-PONTY, 1999). To this end, readings and re-readings of the work were carried out, as well as the cataloging of the theoretical framework relevant to the theme. The research was entirely documentary in nature. The Orwellian dystopia was elaborated in a context of wars, the emergence of totalitarian regimes of government and territorial reordering. These events helped the author make a projection of what could happen in the future. In his work, Orwell warns about the dangers of totalitarianism. In the Orwellian dystopian world, the deployment of Novafala and the telescreens are the main mechanisms of domination of the regime, aiming to control the language and actions of oceanic society. In the work, geographic themes were observed, such as territorialization (HAESBAERT, 2007), power relations (FOUCAULT, 2012) and totalitarianism (ARENDRT, 1989). It was concluded, therefore, that Geography and Literature have an intimate relationship, and can be used in different thematic analyses. Through literature we can relate the imaginary to the real. It is hoped that this work will contribute to the propagation of this field of research.

Keywords: Geography and Literature. Territory. Dystopia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	GEOGRAFIA, LITERATURA E TERRITÓRIO	13
2.1	INTERFACE ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA	13
2.2	DISTOPIA, TOTALITARISMO E TERRITÓRIO	15
2.3	FENOMENOLOGIA, GEOGRAFIA E LITERATURA	18
3	TERRITÓRIO DISTÓPICO NO LIVRO <i>1984</i>	20
3.1	CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL E ASPECTOS GERAIS DA OCEÂNIA	20
3.2	TERRITÓRIO E CONFLITOS	28
3.2.1	Disputas territoriais entre os Estados	28
3.2.2	Socing x Confraria	30
3.3	TOTALITARISMO EM OCEÂNIA	31
3.3.1	A Novafala e a restrição do pensamento	31
3.3.2	As teletelas como mecanismo de vigilância	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A relação entre a Geografia e a Literatura não é uma novidade. No início do século XX os escritos literários já eram usados como instrumento de descrição dos lugares. Alguns autores, como La Blache e Humboldt, escreveram sobre o elo entre ciência e arte, embora a intenção deles não fosse promover a literatura como um novo campo de pesquisa geográfica (BROSSEAU, 2013). O uso de fontes literárias para o estudo geográfico é feito há muitos anos, porém ele foi escasso até a década de 1970 devido a predileção pela geografia quantitativa, quando a geografia humanista anglo-saxã impulsionou o interesse pela análise geoliterária e ampliou o campo de pesquisa da área. (BROSSEAU, 2013; FERNANDES, 2013).

A literatura de ficção carrega em si narrativas que, em muitos casos, são análogas à nossa realidade. Ela tem a capacidade de imergir o leitor em histórias diversas, tornando-o sujeito passivo. Temas como regimes de governo, política, religião, globalização, sustentabilidade, organização espacial, segregação racial e social, entre outros, são objetos de estudo da Geografia. Na literatura, encontramos obras que abordam as mais diversas temáticas, tornando-as importantes para o entendimento geográfico a partir do imaginário. Levando isto em consideração, temos a ficção distópica (ou distopia) como gênero literário. Por meio das distopias os leitores são conduzidos a histórias ficcionais, em que comumente o enredo tem como pano de fundo um território sob o poder de um regime totalitário que controla a população de algum modo.

Na língua portuguesa, o gênero literário é responsável por classificar a estrutura dos textos. Existem diversos gêneros, como o romance, poema, conto, crônica e a distopia¹, que utilizaremos para intermediar a relação entre Geografia e Literatura. A distopia é um gênero que têm atraído o público leitor e vêm ganhando espaço nas discussões acadêmicas ao longo dos anos. Desse modo, faremos uma análise do livro *1984*, escrito por George Orwell, publicado em 1949. Essa obra é classificada como uma distopia.

Nascido Eric Arthur Blair, o escritor de *1984* é natural da Índia, que na época era uma colônia britânica. Sua infância conturbada, seu tempo como membro da Força Policial Imperial Indiana, o horror vivido na Guerra Civil Espanhola e seu tempo como jornalista da BBC foram experiências traumáticas para Orwell, onde ele teve contato com diversas formas de autoridade e espaços disciplinares (BRADFORD, 2020). Esses fatos foram cruciais para

¹ Também conhecidas como antiutopias ou utopias negativas (PAVLOSKI, 2005). Neste trabalho, utilizaremos o termo distopia, por ser mais difundido.

que o escritor imprimisse traços autobiográficos em seus escritos, inclusive em *1984* (PAVLOSKI, 2005).

A distopia é um gênero literário que contribui para a construção do entendimento geográfico sobre regimes totalitários de governo. Conforme aponta Fernandez (2013), entre o fim do século XIX e meados do século XX, a mistura entre consciência política, romantismo e conflitos sociais culminaram no surgimento do gênero distopia na literatura anglo-saxã. Os livros distópicos serviram como resposta aos utópicos. Enquanto a utopia idealiza ambientes perfeitos e sem conflitos, a distopia apresenta um futuro desanimador para a sociedade. Esta tese é corroborada por Fromm (2009), ao sugerir que as distopias provocam sentimento de desesperança no homem moderno na mesma medida que as utopias antigas inspiraram esperança no homem pós-medieval.

Sendo assim, a justificativa para este trabalho é baseada na possibilidade de unir a ciência geográfica à arte literária. Diversos temas relevantes à pesquisa na área da Geografia são comumente abordados na literatura clássica e contemporânea. O livro *1984* é considerado uma das distopias clássicas, ao lado de: **Admirável mundo novo** (HUXLEY, 2014), **Fahrenheit 451** (BRADBURY, 2012) e **Nós** (ZAMIÁTIN, 2017). Posteriormente, a literatura distópica ganhou outros livros, especialmente entre a segunda metade do século XX e início do XXI. Dentre eles, os mais conhecidos são **O conto da Aia** (ATWOOD, 2006) e a **Trilogia Jogos Vorazes** (COLLINS, 2013).

Sob a perspectiva geográfica, as diferentes formas de totalitarismo presentes nas distopias são delimitadas por territórios, uma das principais categorias de análise da ciência geográfica. Assim, fica evidente que é possível criar uma conexão entre ciência e arte, percebendo o território como uma fonte de construção e projeção do espaço geográfico. O estudo da toponímia² na literatura permite ao pesquisador interpretar as inferências geográficas que remetem à vida e à relação dos personagens com o espaço vivido (BORGES FILHO, 2008).

O livro *1984* foi escrito em um contexto conturbado do século XX, no período do pós-Segunda Guerra e iminente início de uma polarização política que ficou marcada como Guerra Fria. O quadro geopolítico da época preocupava Orwell, onde houve anexação de territórios, culto a líderes políticos e mortes. Estes acontecimentos serviram como inspiração

² Para Borges Filho (2008), é o estudo do espaço em suas diversas inferências, abrangendo a vida íntima, social e as relações espaciais dos personagens no âmbito cultural ou natural.

para ele criar um universo futurístico³, em que o mundo é dominado por regimes totalitários. Na perspectiva do autor, as constantes guerras e situações desencadeadas por elas, provocaram um reordenamento territorial no mundo, baseado na dominação e controle da população de diversas maneiras (educacional, político, ideológico, sanitário), expandindo o terror e excluindo fronteiras, transformando os continentes em três grandes superestados, onde a disputa se dá pelo controle total do espaço geográfico descrito na obra.

A narrativa está escrita em terceira pessoa, sendo dividida em três partes. A estória é contada sob a percepção de Winston Smith, habitante de um desses supercontinentes, a Oceânia, sendo também funcionário do Ministério da Verdade. A Oceânia é governada por um grupo denominado **Partido**, sob a liderança de uma figura misteriosa conhecida como Grande Irmão⁴. Sua imagem é estampada em *outdoors*, mas ele nunca foi visto de fato (BRADFORD, 2020).

A metodologia adotada para este trabalho será a fenomenológica. O tema proposto formará um elo entre Geografia, literatura e fenomenologia. Para tanto, é necessário um levantamento bibliográfico pertinente ao tema, bem como a análise crítica da obra literária proposta. Apresentaremos autores clássicos e contemporâneos, que escreveram sobre os temas relacionados ao território, totalitarismo, poder, fenomenologia e a relação entre Geografia e Literatura, como Arendt (1989), Brosseau (2013), Claval (2007), Foucault (2012), Haesbaert (2000; 2007), Merleau-Ponty (1999), Moraes (1991), Raffestin (1993), Souza (2000) e outros. Este trabalho será desenvolvido exclusivamente por meio de pesquisa bibliográfica, sem necessidade de ida a campo. Os capítulos abordarão a interface entre Geografia e Literatura.

O trabalho está dividido em três partes: em um primeiro momento falaremos sobre a relação entre Geografia e Literatura, interligando-as às temáticas relacionadas ao território e as relações de poder presentes no livro. Após o Referencial Teórico, discorreremos sobre o uso da metodologia utilizada, como também do passo a passo da construção do trabalho. Por fim, apresentaremos os Resultados obtidos com a análise da distopia *1984*, citando trechos da obra que evidenciam a geograficidade presente no livro.

O uso da literatura de ficção ainda é pouco estudado pela Geografia. Por isso, a relevância desta pesquisa consiste em ampliar o arcabouço teórico em análises geográfico-literárias. Os objetivos propostos visam: interligar a geografia com a literatura, ampliando as

³ Os eventos narrados se passam no ano de 1984. Como o livro foi publicado em 1949, os acontecimentos eram considerados futurísticos na época.

⁴ Em língua inglesa, *Big Brother*. Acredita-se que o *reality show* de nome homônimo tenha sido inspirado na distopia *orwelliana*, levando em consideração o conceito de vigilância 24 horas por dia.

abordagens geográficas; entender a percepção geográfica de território na narrativa *orwelliana*, relacionando-a com os fatos históricos vivenciados no passado e presente; e contribuir para a divulgação do tema, que ainda é escasso no âmbito acadêmico.

2 GEOGRAFIA, LITERATURA E TERRITÓRIO

Nesta seção foram apresentados os conceitos que permeiam este trabalho: o elo entre Geografia e Literatura, rebuscando a gênese do pensamento geográfico de incorporação da pesquisa por meio dos livros literários; a distopia como ferramenta de análise geográfica sobre o totalitarismo, além dos estudos acerca do território distópico na literatura; e a metodologia utilizada. Para isso, foi necessário rebuscar outros autores que discutiram estas temáticas, sejam clássicos ou contemporâneos.

2.1 INTERFACE ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

A análise literária tem sido trabalhada em conjunto com diversas áreas do conhecimento ao longo dos anos, a exemplo do Direito e História. São diversos trabalhos produzidos que relacionam livros de literatura sob uma perspectiva de análise dos campos de pesquisa em questão. Com a Geografia isso não é diferente. Segundo Moraes (1991), “o movimento de renovação da Geografia é, a par da tarefa de crítica das abordagens tradicionais, a busca de novos parâmetros para a pesquisa dessa disciplina. Estes são tomados de outros campos do conhecimento, que trataram temas afins” (MORAES, 1991, p. 30). Assim, a literatura se apresenta como um desses parâmetros.

A interface entre Literatura e ciência geográfica remete ao século XIX, com o debate de Alexander Von Humboldt, na obra *Cosmos* (BROSSEAU, 2013). Desde então, essa união tem ganhado espaço no estudo da Geografia, especialmente nas categorias de análise dessa ciência, como território, região, lugar e paisagem. Livros de literatura nacional, por exemplo, como **Vidas secas** (RAMOS, 2019), **A casa das sete mulheres** (WIERZCHOWSKI, 2017), **Dois irmãos** (HATOUM, 2009), **Inocência** (TAUNAY, 2012) e **Vila dos Confins** (PALMÉRIO, 2019) são alguns exemplos de obras de ficção que carregam temas pertinentes à ciência geográfica, como o conceito de região, climatologia, população, política etc.

Com relação ao estudo do território na literatura, temos diversas obras, clássicas e contemporâneas, que são pertinentes ao tema. Vemos diversos temas geográficos, por exemplo, no livro **Os miseráveis** (HUGO, 2014). A magistral obra francesa aborda temas como: o território; a pobreza e criminalidade como problemática social; a religião etc. As batalhas francesas de Waterloo e os Motins de Junho de 1832 também foram incorporadas ao romance, tornando-o uma rica fonte para estudos histórico-geográficos. Dostoiévski, em **Crime e castigo** (2019), também apresentou traços geográficos da Rússia do século XIX.

Estes são alguns exemplos de autores que usaram o contexto político e social de sua época como pano de fundo de suas histórias, transformando seus livros em excelentes fontes de pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento, inclusive na ciência geográfica. Desse modo, coube à geografia humanista colocar o homem e sua relação com o espaço em evidência nos estudos geográficos, conforme aponta Brosseau (2013):

No início dos anos 1970, a geografia humanista emergia paralelamente a uma corrente crítica de inspiração marxista, em reação à “nova” geografia quantitativa, dominante há uma dezena de anos. Procurando colocar o sujeito (um pouco abandonado, em favor dos bancos de dados) no centro de seus trabalhos, numerosos geógrafos, evocando de maneira mais ou menos direta a fenomenologia, utilizariam a literatura. (BROSSEAU, 2013, p. 266).

Atualmente, os geógrafos têm buscado novos meios de estudar o espaço geográfico. Assim, a Geografia Cultural surge como a subárea que incorpora a relação Geografia-Literatura ao seu campo de análise e investiga a associação dos livros literários com a vivência do homem. Por meio dela, podemos estudar fenômenos relacionados ao espaço vivido sob a perspectiva humana, sua relação de afeto (topofilia) ou aversão (topofobia) ao lugar, as impressões de cunho geográfico deixadas na paisagem e toda a dinâmica que envolve esse elo entre homem e espaço.

Desde o início, vários autores, por meio de seus trabalhos, buscaram interligar a literatura ao espaço vivido, campo de pesquisa que tem gerado diversas investigações. (BROSSEAU, 2013). Diante disso, é inegável que muitos escritores utilizam experiências e vivências humanas como inspiração para criar seus próprios universos, evidenciando a relação entre o real e imaginário na literatura. George Orwell, por exemplo, vivenciou boa parte do caos geopolítico ocorrido na primeira metade do século XX. As relações de poder ocorridas no mundo real foram transportadas para a ficção em *1984*. Para Bastos (1998), essas relações criam:

[...] Um espaço privilegiado de expressão da temática dos conflitos sociais e ideológicos de uma dada cultura, por reunir toda uma gama de contradições “inventadas” pelo narrador a partir de conflitos existentes no seu horizonte de experiências, vivências e expectativas sociais. (BASTOS, 1998, p. 57).

A possibilidade de encontrar vestígios da ciência geográfica na Literatura tornam essa relação viável para a pesquisa acadêmica. Até mesmo no ensino básico pode-se correlacionar as disciplinas de Língua Portuguesa com a Geografia, imprimindo no discente o prazer pela leitura e ao mesmo tempo experienciando a interpretação dos conceitos geográficos nos livros.

2.2 DISTOPIA, TOTALITARISMO E TERRITÓRIO

A Geografia é acertadamente conhecida como uma ciência de síntese. Sendo assim, é possível interligá-la a diversas áreas do conhecimento. Entre estas áreas está a literatura, que abarca diversos gêneros. A análise geográfica das distopias literárias é uma opção viável para o estudo acadêmico, por se tratar de temáticas relacionadas a regimes totalitários de governo, um dos objetos de estudo da Geografia. A distopia no campo literário é um dispositivo de análise de determinada sociedade, em que é analisada as barbaridades ocorridas naquele contexto social (HILÁRIO *apud* SOUSA, 2018). Por meio dos livros distópicos⁵ é possível traçar paralelos com a realidade e/ou refletir os caminhos que são tomados pela humanidade, de modo a evitar que venhamos a viver uma distopia no mundo real.

Embora sejam ficcionais, as distopias retratam a lógica de poder exercida no território, geralmente por um indivíduo, um grupo ou um mecanismo tecnológico. A delimitação territorial desse poder permite ao geógrafo analisar a estrutura política, social e cultural inserida nesse território. Nota-se que autores de livros distópicos utilizam tanto o real quanto o imaginário para moldar o pano de fundo de suas histórias. Diversos autores projetaram os territórios distópicos em suas obras com base em suas vivências no mundo real, como foi o caso de George Orwell. Segundo Nuñez (2010):

Desde os primórdios da literatura, o espaço aparece como um dos mais importantes recursos da instauração da ficcionalidade. A descrição dos lugares reais ou míticos, conhecidos ou utópicos, públicos ou privados, se tornou um dispositivo do imaginário artístico para a configuração do mundo, dos indivíduos que o habitam e das mentalidades sociais. (NUÑEZ, 2010, p. 77).

Arendt (1989), comenta que os movimentos totalitários são conhecidos por sua “[...] exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual”

⁵ As distopias, algumas vezes, são especulativas (proféticas). Ou seja, elas fazem uma projeção da realidade, embora às vezes os eventos narrados não se concretizem da forma que foi pensada. No livro *1984*, por exemplo, termos como Novafala e duplipensamento, que veremos nos Resultados e Discussão, frequentemente são temas em pauta na sociedade atual, travestidos de outros nomes. Além deles, a vigilância por meio das telas, algo inexistente na época em que foi escrito, está em vigor, especialmente por meio dos *smartphones*.

(ARENDRT, 1989, p. 373). Para Carneiro & Corrêa (2008), o totalitarismo é caracterizado pela autoridade máxima de um líder, que é tratado como uma divindade. O livro aqui proposto para análise é *1984*, de George Orwell. Ele apresenta um mundo fictício, em que após uma revolução, um grupo partidário toma o poder, passando a controlar a população por meio do terror (LOUREIRO & FARINACCIO, 2020).

Fromm (2009) enfatiza a importância do livro, “precisamente porque exprimiu o novo sentimento de desesperança que impregna nossa era antes que este se manifestasse e dominasse a consciência das pessoas” (FROMM, 2009, p. 368). Assim como a distopia *orwelliana*, outros livros seguiram a mesma lógica, com o objetivo de fazer um alerta sobre os perigos do totalitarismo.

Escrito em um contexto de guerras e insurgências de regimes totalitários, a ficção distópica de Orwell é referência até os dias de hoje, principalmente por ser considerada uma “obra profética”. O autor fez uma projeção temporal e espacial dos acontecimentos de sua época, prevendo a tecnologia como mecanismo de vigilância com as teletelas e a disseminação das *fake news* ao abordar em sua obra as práticas de adulteração de informações. No entanto, a intenção do autor não era prever, e sim alertar a humanidade sobre os perigos do totalitarismo. Fernandez (2013) aponta a forma como George Orwell incorporou na obra a estratégia de governos totalitários para se perpetuarem no poder:

Orwell havia alertado que dividir era uma estratégia para controlar: em sua novela, o partido mantém seus membros inferiores segregados daqueles que integram a casta superior e afasta os funcionários dos proletários; os cidadãos de Oceania não tinham qualquer contato com os das outras potências, nem com os de outras áreas do mesmo país. Assim, os personagens distópicos atribuem características específicas aos integrantes de outros grupos. (FERNANDEZ, 2013, p. 38).

Ainda segundo a mesma autora, “a divisão e a incompreensão entre as partes tornam-se a melhor garantia para o poder totalizador” (FERNANDEZ, 2013, p. 40). Em outras palavras, governos totalitários só têm a ganhar com a divisão da população, seja em opiniões políticas ou em outras questões triviais. O fato é que, para se perpetuarem no poder, muitos líderes geram o caos na sociedade, criando diversas narrativas sobre diferentes temas, para desviar o foco da opressão imposta por eles à população.

O conceito de **poder** é estudado por diversas áreas do conhecimento, como a História, o Direito, as Ciências Políticas e a Geografia Política. Esse tema é compreendido de modos diferentes por cada uma dessas áreas do conhecimento, porém sabe-se que o poder não é algo que se tem, mas que se exerce. O poder é uma categoria abstrata, não é uma categoria

temporal ou espacial, mas está inserida em qualquer ato que ocorre na representação do tempo e do espaço (RAFFESTIN, 1993).

Sabe-se que onde há relações de poder, há uma delimitação territorial em que esse poder é exercido. Conforme Stürmer & Costa (2017), o território é uma categoria de análise geográfica que envolve uma tríade: espaço(s), ator(es) e poder(es). Ou seja, para determinado espaço configurar-se como território é preciso que haja fronteiras, pessoas e relações de poder envolvidas. Souza (2000) aponta que a configuração territorial nem sempre é permanente, podendo ter uma existência duradoura ou cíclica. Esse pensamento mostra que as lógicas de dominância provocam constantes reconfigurações territoriais, dinamizando o espaço e provocando conflitos, sejam eles armados, culturais e/ou sociais.

O autor de *1984* possuía uma grande capacidade de usar a arte da escrita para tecer críticas sociais, expondo as nuances da lógica dominante apresentada em suas obras e ao mesmo tempo expondo fatos vividos na realidade (TAVARES, 2019). Em sua distopia, Orwell expõe o poder centralizador do Partido em suas detalhadas descrições da paisagem da Oceânia, nas desertas ruas de Londres ou dentro das quatro paredes do Ministério da Verdade.

O próprio Orwell sintetizou esplendidamente a real intenção por trás de revoluções que prometem liberdade e igualdade: “Sabemos que ninguém toma o poder com o objetivo de abandoná-lo. Poder não é um meio, mas um fim. Não se estabelece uma ditadura para proteger uma revolução. Faz-se a revolução para instalar a ditadura” (ORWELL, 2019, p. 315-316). O filósofo francês Michel Foucault escreveu vários livros sobre o tema **poder** em suas diversas esferas. Sua contribuição científica está pautada em uma perspectiva histórica, porém a análise espacial feita por ele em suas obras sempre será objeto de discussão na ciência geográfica (MARQUES, 2014). Para ele, espaço e poder estão intrinsecamente ligados. Em outras palavras, onde houver a definição de espaço, a exemplo do território, o objeto de análise deste trabalho, também haverá algo ou alguém que exerça algum tipo de poder sobre ele.

De acordo com Foucault (2012), não existe verdade que não tenha sido disseminada sem alguma forma de poder, pois cada regime totalitário formula sua própria verdade e impõe a aceitação às pessoas que são dominadas por eles. Em *1984*, o Partido dissemina diversas mentiras, usando toda a sua estrutura política e tecnológica para ludibriar a população. O controle da realidade exercido pelo Partido é tão grande, que a população da Oceânia não consegue se lembrar do próprio passado. Do mesmo modo, a nossa realidade se assemelha ao que foi escrito no livro. Vemos ações semelhantes às desempenhadas no Ministério da

Verdade nas redes sociais, onde não se sabe ao certo o real do irreal, devido à disseminação de notícias falsas. Nota-se também que as redes sociais possuem papel determinante para que as pessoas sejam vigiadas. Se hoje em dia uma pessoa não possui algum tipo de contato por meio de mecanismos tecnológicos, é como se ela não existisse.

2.3 FENOMENOLOGIA, GEOGRAFIA E LITERATURA

A Geografia é uma ciência que permite ao pesquisador fazer a relação de temas da área com outros temas afins. Neste trabalho, buscamos correlacionar a ciência geográfica com a Literatura, campo estudado pela área de linguagens. Nesta seção, explicamos os fundamentos teóricos-metodológicos utilizados para chegar a um entendimento sobre a viabilidade do uso da literatura no estudo geográfico.

Um dos principais passos do trabalho científico é a realização de pesquisas em outras fontes bibliográficas que sejam correlatas ao tema. Para isso, faz-se necessário um estudo acurado nos diversos meios de divulgação científica, delimitando a pesquisa com base no tema. Para Cervo, Bervian, Silva (2007), a pesquisa bibliográfica:

[...] Procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema. (CERVO, BERVIAN, SILVA, 2007, p. 60).

Para dar embasamento científico à pesquisa, utilizamos o território e o totalitarismo como temas que interligam Geografia e Literatura. A intenção deste trabalho foi explorar a presença de temas geográficos inseridos na ficção literária. Para isso, utilizamos o livro *1984*, de George Orwell como instrumento de análise. A obra é considerada uma distopia clássica e frequentemente é lembrado nas mídias em ocasiões esporádicas, quando algum evento semelhante ao que está escrito na obra também ocorre no mundo atual (BRADFORD, 2020). Por esse motivo, muitas vezes ele recebe a alcunha de “livro profético”.

Para analisar a obra, foram necessárias algumas leituras do livro *1984*, bem como da biografia do autor, escrita por Bradford (2020). Na primeira leitura da distopia, embora tenha sido de forma recreativa, já existia o interesse de verificar se havia impressões geográficas presentes na obra. Em um segundo momento, foram feitas duas releituras, desta vez para um estudo mais acurado e a coleta de citações para este trabalho.

Neste trabalho utilizamos a pesquisa exploratória, de modo a compreender o elo entre Geografia e Literatura e o seu uso em pesquisas científicas. Este trabalho é bibliográfico em sua totalidade, pois se trata de uma análise literária. Para a construção do referencial teórico, utilizamos os mais conceituados bancos de dados acadêmicos disponíveis em língua portuguesa, a exemplo da *Scielo*, Portal de Periódicos da CAPES, Google Acadêmico, entre outros. Foram utilizados livros, dissertações, teses e artigos de revista como referenciais teóricos. Trabalhamos autores que escreveram sobre temas diversos, como Arendt (1989), Brosseau (2013), Claval (2007), Foucault (2012), Haesbaert (2000; 2007), Merleau-Ponty (1999), Moraes (1991), Raffestin (1993), Souza (2000) e outros.

Utilizamos a fenomenologia como metodologia de análise do livro distópico. A escolha por essa metodologia foi baseada em sua capacidade de analisar as experiências vivenciadas pelo homem, sendo possível observá-las e descrevê-las (LIMA, 2014). Do mesmo modo, Merleau-Ponty (1999) pontua que:

[...] A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência. [...] A fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua 'facticidade'." (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1).

A metodologia fenomenológica é um excelente instrumento de análise para a Geografia, especialmente se tratando do subjetivismo encontrado na Geografia Cultural. A relação homem-natureza e a percepção do espaço geográfico pela ótica das experiências vivenciadas nesse espaço possuem relação com a fenomenologia. A metodologia em questão preocupa-se em enfatizar a percepção que o indivíduo tem do espaço, sendo essencial para a compreensão do meio em que vivem e das experiências que são impressas em suas memórias (LENCIONE, 2005).

Compreendemos que o livro *1984* possui um caráter fenomenológico, pois foi escrito por um homem que vivenciou diversos fenômenos, como guerras mundiais e ascensões de regimes totalitários. Além disso, os acontecimentos na vida pessoal do autor, como sua passagem pela escola São Cipriano e pelo Eton, sua participação na guerra Civil Espanhola, sua visão política de mundo e a experiência como jornalista da BBC na Segunda Guerra Mundial moldou a visão de mundo de Orwell. Assim, é notório que o autor utilizou estes fatos para projetar um futuro distópico para a humanidade em *1984*. No livro, a organização territorial no mundo está marcada por lógicas de poder, em disputas territoriais entre os três superestados e, internamente, com o totalitarismo exercido sobre a sociedade oceânica. Nota-

se que os mecanismos de repressão presentes em *1984* se assemelham ao que ele próprio viu e sentiu no mundo real.

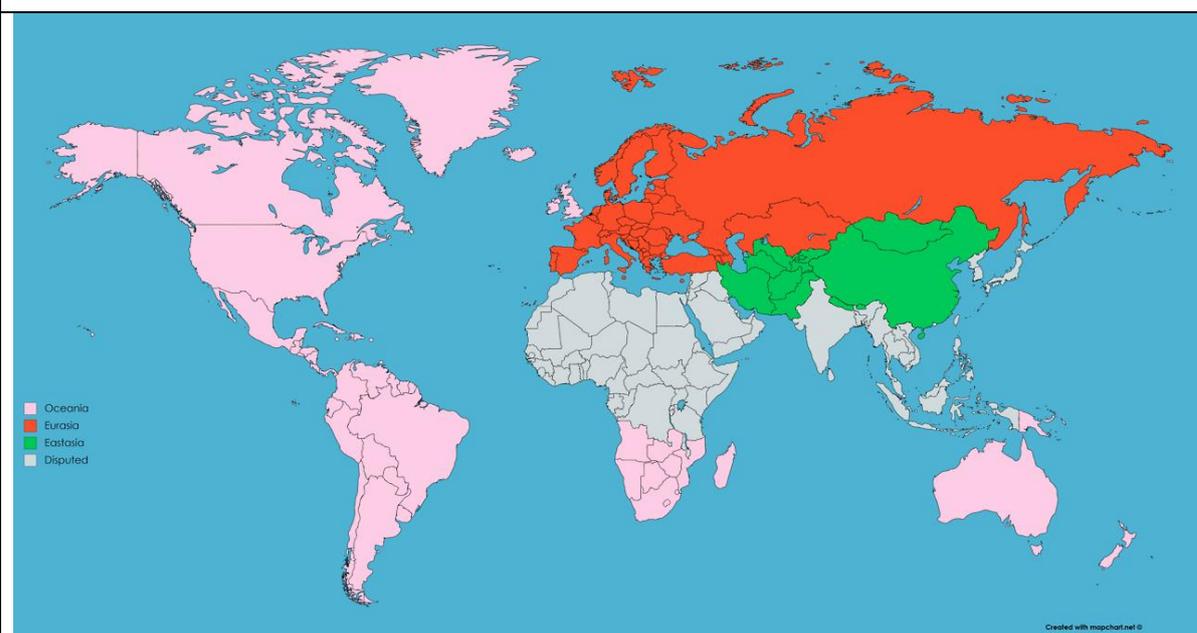
3 TERRITÓRIO DISTÓPICO NO LIVRO *1984*

Neste tópico abordaremos as características gerais da Oceânia, o superestado controlado pelo *Socing*, sob o domínio do Grande Irmão. Serão apresentados o mapa da configuração territorial mundial, a forma de governo vigente, os conflitos internos e externos e os mecanismos de controle social impostos pelo Partido. Os Resultados e Discussão foram divididos em subtópicos, de modo a facilitar a construção do pensamento geográfico presente no livro.

Aqui serão utilizadas algumas citações diretas do livro, muitas delas descritivas. Isso se fez necessário para que os leitores deste trabalho tivessem a experiência de imersão na obra, de modo a compreender o contexto em que vive a sociedade oceânica. Também serão utilizados alguns termos incomuns à nossa língua, como: pensamento-crime, duplipensamento e Novilíngua (ou Novafala). Eles estão presentes em todo o livro e foram utilizados pelo autor para caracterizar as ações promovidas pelo Partido em Oceânia.

3.1 CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL E ASPECTOS GERAIS DA OCEÂNIA

Após uma suposta guerra mundial ocorrida por volta dos anos 1950, a configuração territorial do planeta foi reordenada, culminando na anexação de países e dividindo o mundo em três superestados: Oceânia, Eurásia e Lestásia. Em todos os territórios foram instaurados regimes totalitários de governo, em que cada um é governado por um líder diferente. Ainda há uma quarta parte do território mundial, que se tornou alvo de disputa entre os três Estados. O mapa a seguir mostra a divisão territorial do universo distópico, baseada nas porções territoriais como elas são no mundo real: a Oceânia abrange todo o território em cor rosa; a Eurásia corresponde à porção territorial em vermelho; a Lestásia ocupa a porção verde do mapa; por fim, os territórios em disputa estão em cor cinza, conforme vemos a seguir:

Figura 1: Mapa da configuração territorial do universo distópico orwelliano**FONTE:** mapsontheweb.zoom-maps.com

As guerras mundiais exerceram papel fundamental para o reordenamento dos territórios. Assim, diversos territórios, que anteriormente aos conflitos eram divididos por inúmeros países, passaram por um processo de desterritorialização, por perder sua identidade ao serem dominados, e de reterritorialização, no sentido de que novos Estados ocuparam esses lugares (HAESBAERT, 2007).

Os eventos narrados se passam em Londres, município pertencente à Faixa Aérea Um, que, antes da suposta guerra que levou o Partido ao poder, era a capital do país conhecido como Inglaterra. A Oceânia é um Estado governado pelo *Socing* (Socialismo Inglês), em regime unipartidário. Seu líder máximo é conhecido como Grande Irmão, uma figura que nunca foi visto de fato, mas ainda assim é venerado por todos. Sua imagem está estampada em *outdoors* por todo o Estado, com o slogan “**O Grande Irmão está de olho em você**”. Propositamente a frase possui um duplo sentido, podendo ser interpretada como um sinal de cuidado paternalista que um líder tem pelas pessoas ou um alerta de que ele está vigiando qualquer ato de desobediência ao Partido.

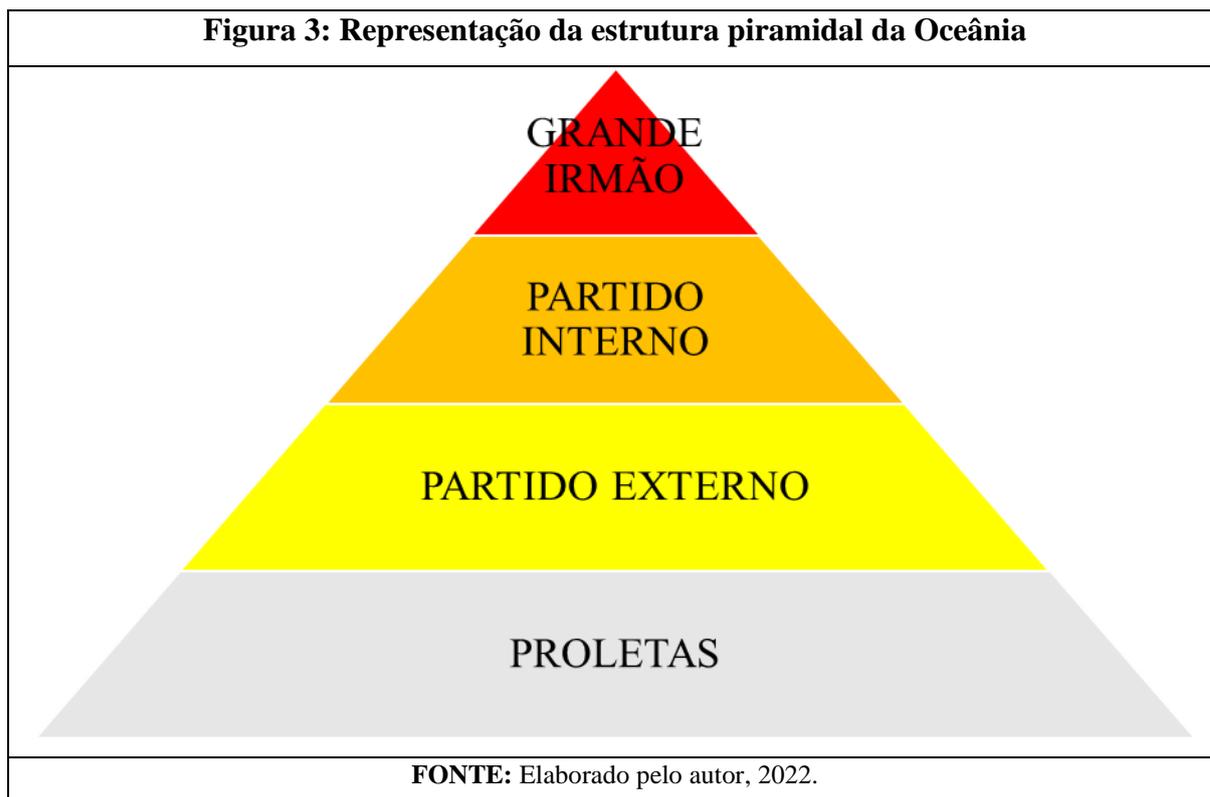
Figura 2: Winston observa a hegemonia do Grande Irmão estampada em cartazes



FONTE: blogdalettrinhas.com.br

A população oceânica é dividida em classes, obedecendo uma estrutura piramidal: os membros do **Núcleo Interno do Partido** são a casta da sociedade, o braço forte do Partido e os principais responsáveis pela manutenção do *Socing*. Os membros do **Núcleo Externo** são agentes importantes para o funcionamento do sistema de governo vigente, porém eles não possuem poder de decisão em quaisquer assuntos que envolvam o território da Oceânia. Em outras palavras, o Núcleo Externo é formado por funcionários que desempenham diversas funções a serviço do Partido. E por fim, os **proletas**. Estes últimos representam cerca de 85% da população, porém, eles vivem à margem da sociedade, servindo apenas como massa de manobra nas mãos do regime. Eles moram nas zonas periféricas da Oceânia, desprovidos de qualquer assistência por parte do governo.

O Partido possui três lemas: Guerra é Paz, Liberdade é Escravidão e Ignorância é Força. Estes lemas são contraditórios, pois as palavras em si são antagônicas. Entretanto, o Partido utiliza essa propaganda para uma sociedade que já está com a sua mente dominada pela filosofia do *Socing*. A saber, os princípios do *Socing* são: Novafala, duplipensamento e mutabilidade do passado (ORWELL, 2019), termos que veremos mais à frente.



A liberdade individual e de pensamento são restringidas pelo sistema político vigente. A sociedade é controlada pelo medo. São vigiadas por teletelas, instaladas por todos os lugares, inclusive em suas casas. Esses objetos não apenas transmitem propagandas do Partido, mas também assistem o que cada pessoa está fazendo no momento. Qualquer tipo de oposição ao Partido, chamado pensamento-crime, acarretam sérias consequências a quem for flagrado. Para que um criminoso do pensamento seja descoberto é apenas uma questão de tempo. Mais cedo ou mais tarde suas ações ou outras pessoas irão lhe denunciar (ORWELL, 2019).

Na sociedade oceânica, até mesmo a linguagem é controlada e cada vez mais limitada, desde a implementação da Novilíngua⁶, que promete reformular o vocabulário, excluindo “palavras desnecessárias”. Ao diminuir a capacidade de interação, diminui-se a capacidade de pensar. No livro, é claramente mencionada a intenção por trás da Novafala, que “[...] foi concebida não para ampliar, e sim *restringir* os limites do pensamento [...]” (ORWELL, 2019, p. 356, grifo do autor). Reduzir o número de palavras de uma língua dificultaria a capacidade humana de formular frases e expressar sentimentos. Assim, palavras como “[...] *honra*,

⁶ *Novilíngua* ou *Novafala*: idioma oficial da Oceânia, que está passando por diversas modificações, como exclusão de palavras, com o objetivo de estreitar o âmbito do pensamento.

justiça, moralidade, internacionalismo, democracia, ciência e religião haviam simplesmente deixado de existir [...]” (ORWELL, 2019, p. 361, grifo do autor).

A estrutura política do Partido possui quatro ministérios, que fazem o oposto daquilo que seus nomes sugerem: O Ministério da Verdade se encarrega de alterar informações, sempre que for conveniente ao Partido; o Ministério da Paz trata dos assuntos relacionados às guerras contra seus inimigos; o Ministério da Pujança lida com a escassez de alimentos e produtos; e por fim, o Ministério do Amor cumpre o dever de torturar todos os que se revoltam contra o governo do Grande Irmão, “reeducando-os” (ORWELL, 2019). Isso reforça as ações de domínio e controle geradas pelo partido. As práticas criminosas não são muito detalhadas, mas um trecho da obra faz com que o leitor imagine a situação em que os criminosos do pensamento eram submetidos:

“Ninguém sabia o que se passava dentro do Ministério do Amor, mas era fácil adivinhar: torturas, drogas, instrumentos delicados que registravam suas reações nervosas, desgaste progressivo em decorrência da falta de sono, da solidão, de interrogatórios incessantes.” (ORWELL, 2019, p. 218).

O Partido controla tudo e todos, praticando atos inimagináveis para se perpetuar no poder. A alteração de informações, por exemplo, era comumente feita. A linha temporal entre passado, presente e futuro tem seu fluxo afetado. Se o Partido quiser que dois mais dois sejam cinco, assim será (ORWELL, p. 127-128). Os Ministérios estão à serviço do *Socing* para manipular e torturar os que não se alinharem ao pensamento hegemônico. O poder totalizador do Partido possui diversos mecanismos para controlar atos rebeldes. Era comum o desaparecimento de cidadãos que em algum momento feriram algum princípio do *Socing*. Não se tratava apenas do desaparecimento físico, mas a exclusão de qualquer registro histórico que remetesse àquela pessoa, como se ela nunca tivesse existido:

Na vasta maioria dos casos não havia julgamento, não havia registro de prisão. As pessoas simplesmente desapareciam, sempre durante a noite. Seus nomes eram removidos dos arquivos, todas as menções a qualquer coisa que tivessem feito eram apagadas, suas existências anteriores eram negadas e em seguida esquecidas. Você era cancelado, aniquilado. *Vaporizado*, esse o termo costumeiro. (ORWELL, 2019, p. 60, grifo do autor).

Outro mecanismo utilizado para confundir a capacidade de questionamento das pessoas é o duplipensamento. O duplipensar é entendido como a capacidade de uma pessoa defender duas opiniões que se anulam e, ainda assim, acreditar em ambas (ORWELL, 2019). Essa técnica confere segurança ao Partido, pois mesmo que suas ações sejam contraditórias ao que eles pregam ser verdadeiras, o ato do duplipensar trava a mente das pessoas para compreenderem o que está ocorrendo. Os próprios lemas do Partido em si são instrumentos do pensamento duplo: de que modo liberdade e escravidão combinam? E em que momento da

história a ignorância das pessoas se tornou a força que precisavam para combater os males que as dominam? O trecho a seguir explica detalhadamente como funciona o duplipensamento:

[...] Saber e não saber, estar consciente de mostrar-se cem por cento confiável ao contar mentiras construídas laboriosamente, defender ao mesmo tempo duas opiniões que se anulam uma à outra, sabendo que são contraditórias e acreditando nas duas; recorrer à lógica para questionar a lógica, repudiar a moralidade dizendo-se um moralista, acreditar que a democracia era impossível e que o Partido era o guardião da democracia; esquecer tudo o que fosse preciso esquecer, depois reinstalar o esquecido na memória no momento em que ele se mostrasse necessário, depois esquecer tudo de novo sem o menor problema: e, acima de tudo, aplicar o mesmo processo ao processo em si. (ORWELL, 2019, p. 77).

A obra apresenta uma sociedade apática, que aceita qualquer narrativa pronunciada pelo Partido. A inconsciência política da população oceânica pode ser vista por diversos ângulos. Vejamos dois exemplos: o duplipensamento se torna uma ferramenta a favor do regime totalitário, pois passa a controlar a história, de modo a fazer com que as pessoas ouvissem duas afirmações antagônicas e acreditassem em ambas; outro mecanismo utilizado é a alteração do passado, que torna a sociedade alienada, ou seja, sem qualquer vestígio de conhecimento histórico (PAVLOSKI, 2005). Como saber se um fato realmente ocorreu se a história é constantemente reescrita? Em Oceânia, o único ato político aceitável deveria se dar em favor do Grande Irmão. A ideia de culto a um suposto salvador da pátria foi no passado e ainda é pregada em muitos regimes totalitários, e até mesmo em supostas democracias.

Diante deste pano de fundo, a obra apresenta Winston Smith, membro do Partido Externo e funcionário do Ministério da Verdade. Sua função no Departamento de Registros é alterar informações, para que as notícias sempre estejam alinhadas ao que for conveniente ao Partido. Winston carrega consigo um segredo: é um opositor secreto do Partido. Ao conhecer Julia⁷ e O'Brien⁸ (membros do Partido Externo e Interno, respectivamente), seu anseio em se rebelar contra a supremacia do Grande Irmão aumenta. Por intermédio de O'Brien, que tinha grande influência no Partido, eles se alistam em um suposto movimento revolucionário, chamado Confraria, liderado por Emmanuel Goldstein.

Diante da opressão e do controle imposto pelo Partido, os protagonistas buscam meios para driblar a Polícia das Ideias⁹ e dar prosseguimento a tão sonhada revolução, o que significa a sua libertação da vigilância frenética imposta pelo *Socing*. Essa realidade é vista em vários momentos da nossa história, quando a humanidade se deparou com regimes

⁷ Em um primeiro momento, Winston odiou Julia, mas após se conhecerem, viveram uma perigosa história de amor.

⁸ Em princípio, O'Brien tornou-se uma espécie de mentor de Winston, antes da história revelar o seu papel na trama.

⁹ Responsável por identificar e capturar criminosos do pensamento.

totalitários em seus espaços geográficos. Assim como na ficção, a realidade carrega traços de rebeldia.

Na obra analisada, o protagonista logo se vê no meio de um caminho sem fim. Tudo piora quando ele e Júlia se apaixonam, algo que era proibido pelo Partido, pois cabe a eles formarem os casamentos. Afinal, nesta realidade, o matrimônio servia apenas para que houvesse procriação, gerando novos adoradores do Grande Irmão. A expressão de amor entre cônjuges era proibida pelo Partido, pois todo o amor deveria ser dado ao Grande Irmão (ORWELL, 2019). Pavloski (2005) complementa essa afirmação ao dizer que o ato de amar deveria ser exclusivo ao líder de Oceânia e qualquer afetividade entre pessoas configurava um grave crime contra os princípios do *Socing*.

Em um ato de rebeldia, Winston e Julia criaram seu próprio espaço, onde podiam rebelar-se contra o Partido e se amarem sem temer a repressão e conseqüente castigo que o Partido aplica aos “adúlteros”. Seus encontros eram esporádicos, para evitar suspeitas. Por fim, encontraram um lugar no subúrbio proletário, onde acreditavam estar distantes das teléelas e da vigilância do Grande Irmão.

Em mais um trecho do livro, Winston e Júlia vão a casa de O’Brien para confirmar se ele também partilhava do mesmo sentimento de ódio ao Partido. Winston dirige a palavra a O’Brien:

Acreditamos que exista algum tipo de conspiração, algum tipo de organização secreta trabalhando contra o Partido e que o senhor está envolvido nela. Somos inimigos do Partido. Descremos dos princípios do *Socing*. Somos criminosos do pensamento. Também somos adúlteros. Estou contando isso porque queremos nos colocar em suas mãos [...]. (ORWELL, 2019, p. 222).

De acordo com Pavloski (2005), o romance de Orwell, publicado em 1949, é caracterizado como uma distopia prospectiva, ou seja, a narrativa se passa em 1984, na época considerado um futuro próximo. Entretanto, o autor faz uma ressalva, salientando que:

[...] Ainda que todos os personagens acreditem que o ano seja realmente 1984, a constante reescrita da história promovida pelo Partido impossibilita qualquer tipo de precisão cronológica. Dessa maneira, Orwell relativiza o próprio *cronotopo* do texto, transformando a sociedade distópica na sociedade do tempo nenhum ou na sociedade de qualquer tempo possível no futuro. (PAVLOSKI, 2005, p. 44, grifo do autor).

Na distopia de Orwell, Winston também desconfiava da hipótese de que não estava vivendo no ano de 1984. O protagonista se indagava sobre em que proporção o domínio do Grande Irmão estava consolidado em Oceânia: “Se o Partido era capaz de meter a mão no passado e afirmar que esta ou aquela ocorrência *jamaís aconteceu* – sem dúvida isso era mais aterrorizante do que a mera tortura ou a morte.” (ORWELL, 2019, p. 76, grifo do autor). A

noção de temporalidade era difícil para Winston, pois diferentemente de todos, sua mente não estava totalmente dominada pela filosofia do *Socing*.

De algum modo, Winston não podia ser manipulado tão facilmente. Ao contrário de todo o restante da sociedade oceânica, ele parecia ter escapado da manipulação do regime, tornando-se a minoria de um em um território dominado em sua totalidade. O Partido o tratava como “uma peça defeituosa. Uma nódoa a ser limpa” (ORWELL, 2019, p. 307). As constantes alterações de informações promovidas sob os tetos do Ministério da Verdade não só dificultavam a exatidão do ano em que viviam, como também era impossível obter essa informação, pois o Partido não devia explicações para a população. Além disso, qualquer atitude suspeita, como questionar o Partido sobre a temporalidade, acarretaria graves consequências ao infrator.

Todo o tempo da população deveria ser gasto em alguma atividade que envolvesse o Partido, como o trabalho nos Ministérios, a participação nos Dois Minutos de Ódio¹⁰ ou em qualquer outra função. As pessoas precisavam ter comprometimento integral com o Partido, sejam no trabalho, nas ruas ou em casa. Não podiam ficar sozinhas, pois isso era visto como uma atitude suspeita. O conceito de individualidade era estritamente execrado em Oceânia – e até mesmo perigoso – como vemos a seguir:

[...] Em princípio, os membros do Partido não dispunham de tempo livre e só ficavam sozinhos quando estavam na cama. Supunha-se que quando não estivessem trabalhando, comendo ou dormindo estariam participando de algum tipo de recreação comunitária; fazer alguma coisa que sugerisse gosto pela solidão, mesmo que fosse apenas sair para dar uma volta sozinho, sempre envolvia algum risco. Havia um termo para isso em Novafala: *Vidaprópria*, com o sentido de individualismo e excentricidade. (ORWELL, 2019, p. 129, grifo do autor).

O Ministério da Verdade tem diferentes divisões, entre elas o Departamento de Ficção e o Departamento de Registros, onde Winston trabalha. Neste departamento, a principal função dos funcionários é alterar qualquer tipo de informação que possa prejudicar ou contradizer alguma palavra emitida pelo Partido. Todos os departamentos do Ministério da Verdade são integrados. Cada um desempenha funções distintas, mas ambos têm um objetivo comum: promover a mentira. O trecho a seguir detalha o procedimento de adulteração de informações:

Depois de efetuadas todas as correções a que determinada edição do *Times* precisava ser submetida e uma vez procedida a inclusão de todas as emendas, a edição era reimpressa, o original era destruído e a cópia corrigida era arquivada no lugar da outra. Esse processo de alteração contínua valia não apenas para jornais como também para livros, periódicos, panfletos, cartazes, folhetos, filmes, trilhas sonoras, desenhos animados, fotos – enfim, para todo tipo de literatura ou documentação que

¹⁰ Momento diário em que a população se reunia em frente a uma teletela para execrar aqueles que são declaradamente inimigos do Partido.

pudesse vir a ter algum significado político ou ideológico. (ORWELL, 2019, p. 83-84).

Diante das mentiras propagadas pelo Partido, o exercício do poder totalitário e implantação de uma nova língua, percebemos os mecanismos utilizados pelo Partido para se manter no poder. Ao manipular a história e colocá-la sempre a seu favor, a sociedade não tinha motivo aparente para pedir o fim do regime, visto que eles acreditavam viver anos prósperos, mesmo que houvesse escassez de recursos alimentícios ou de vestuários. A seguir, veremos outras características do *Socing*.

3.2 TERRITÓRIO E CONFLITOS

Neste subcapítulo, apresentaremos os conflitos internos e externos que conta com o envolvimento da Oceânia. Para Stürmer & Costa (2017), “a formação, manutenção e perda de um território estão implicadas por algo além do espaço, ator e poder. Sem o elemento *conflito*, territórios seriam frutos de (des)apropriações consensuais, invasões sem força opositora ou guerras sem mortes e feridos” (STÜRMER & COSTA, 2017, p. 53, grifo do autor).

Ressaltamos que essas guerras não podem ser comprovadas, devido as frequentes alterações das informações promovidas pelo Ministério da Verdade. Não podemos descartar a hipótese de que o Partido anunciava estar em guerra contra um dos superestados ou com insurgentes internos unicamente para instaurar medo e terror na população.

3.2.1 Disputas territoriais entre os Estados

Como já foi mencionado, a divisão administrativa do mundo distópico eram em três grandes Estados. Vemos em Haesbaert (2000) que na produção do espaço sempre haverá a desterritorialização e sua reterritorialização, respectivamente. Na obra analisada, o caráter geográfico se faz presente no processo de desmembramento e concomitante anexação de territórios na nova divisão político-administrativa do universo distópico. Cada um dos superestados tinha suas particularidades, mas as semelhanças são maiores que as diferenças. A seguir, pode-se perceber que neste universo ficcional, os três governos são codependentes:

“[...] As condições de vida nos três superestados são quase as mesmas. Na Oceânia a filosofia vigente tem o nome de Socing; na Eurásia tem o nome de neobolchevismo; na Lestásia tem um nome chinês que costuma ser traduzido por Adoração da Morte, mas que talvez fosse mais bem representado por Obliteração da Identidade. O cidadão da Oceânia está proibido de se inteirar de quaisquer detalhes dos credos das

outras duas filosofias, mas aprende a execrá-las como ofensas bárbaras à moralidade e ao bom senso. Na verdade, as três filosofias não têm quase nenhuma diferença entre si, e os sistemas sociais que elas justificam são idênticos. Em toda parte existe a mesma estrutura piramidal, a mesma adoração a um líder semidivino, a mesma economia justificada única e exclusivamente por uma atividade contínua de guerra. Em decorrência, os três superestados, além de não terem como conquistar uns aos outros, não alcançariam vantagem alguma se o fizessem. Ao contrário, enquanto permanecerem em conflito promovem um ao outro [...]” (ORWELL, 2019, p. 247-248).

A divisão territorial do mundo fictício passava por diversas modificações. As disputas entre os superestados geravam constantes variações espaciais no mundo. A guerra que dividiu o mundo em três porções territoriais deu-se da seguinte maneira:

A divisão do mundo em três grandes superestados foi um evento que já podia ser previsto – e o foi de fato – antes de meados do século XX. Com a absorção da Europa pela Rússia e do Império Britânico pelos Estados Unidos, formaram-se duas das três potências hoje existentes: a Eurásia e a Oceânia. A terceira delas, a Lestásia, só emergiu como unidade distinta depois de mais de uma década de confusos conflitos armados. Em alguns lugares as fronteiras entre os três superestados são arbitrárias, em outros oscilam de acordo com os acasos da guerra, mas em geral acompanham características geográficas. A Eurásia compreende a totalidade da parte norte dos continentes europeu e asiático, de Portugal ao estreito de Bering. A Oceânia inclui as Américas, as ilhas atlânticas – inclusive as britânicas –, a Australásia e a parte sul da África. A Lestásia, menor que as outras e com uma fronteira ocidental menos definida, inclui a China e os países ao sul da China, as ilhas do Japão e uma parcela grande mas flutuante da Manchúria, da Mongólia e do Tibete. (ORWELL, 2019, p. 236-237).

Na verdade, não podemos saber se realmente havia uma guerra entre os superestados, pois a constante reescrita da história, somadas com a aliança da Oceânia com a Eurásia ou a Lestásia em diferentes momentos, torna impossível fazer uma análise geopolítica exata da guerra entre eles. Mas podemos prever que existem duas possibilidades plausíveis: a primeira é que existe de fato uma guerra externa e que a Oceânia se torna aliado ou inimigo alternadamente com os outros Estados. A segunda possibilidade, e talvez a mais sensata, é de que o Partido usa as supostas guerras para provocar o caos na sociedade e se autointitula vencedor para aparecer como salvador da pátria para a sociedade oceânica. O trecho a seguir corrobora com a linha de pensamento aqui proposta:

Desde mais ou menos aquela época, a guerra fora literalmente contínua, embora, a rigor, não tivesse sido o tempo todo a mesma guerra. Durante vários meses, em seus tempos de criança, houvera combates confusos nas ruas de Londres, e de alguns deles Winston guardava uma lembrança nítida. Só que seria praticamente impossível reconstruir a história de todo aquele período, dizer quem lutava contra quem neste ou naquele dado momento, pois não havia registros escritos e os relatos orais jamais se referiam a algum quadro político diferente do vigente. Naquele momento, por exemplo, em 1984 (se é que estavam em 1984), a Oceânia estava em guerra com a Eurásia e era aliada da Lestásia. [...] Na verdade, como Winston sabia muito bem, há não mais do que quatro anos a Oceânia estava em guerra com a Lestásia e em aliança com a Eurásia. Só que isso não passava de uma amostra de conhecimento furtivo que ele por acaso possuía graças ao fato de sua memória não estar corretamente controlada. Em termos oficiais, a troca de aliados jamais acontecera. (ORWELL, 2019, p. 75-76).

Winston era a exceção à regra. Sua mente ainda recordava vagamente de sua infância. Porém, a partir da década de 1950, nem mesmo ele conseguia se lembrar de fatos ocorridos. Ele refletiu: “O passado [...] não fora simplesmente alterado; na verdade fora destruído. Pois como fazer para verificar o mais óbvio dos fatos, quando o único registro de sua veracidade estava em sua memória?” (ORWELL, 2019, p. 77). A constante reescrita da história ocasionou uma espécie de amnésia coletiva, não se sabe ao certo o período que o *Socing* estava no poder. O Partido obteve êxito em transformar a mentira em verdade.

3.2.2 Socing x Confraria

Em Oceânia, havia rumores de que uma organização secreta estava sendo formada para lutar contra a supremacia do Partido. Ninguém sabia ao certo quantos membros compunham esse grupo, mas a sua liderança era atribuída a um homem chamado Emmanuel Goldstein. A obra o apresenta como renegado e apóstata, que anteriormente fazia parte da elite do Partido. Porém, após ele se rebelar e participar de atividades contrarrevolucionárias, foi condenado à morte, mas de algum modo conseguiu escapar das mãos do Grande Irmão (ORWELL, 2019). O momento dos Dois Minutos de Ódio quase sempre tinha a imagem de Goldstein como alvo:

A programação de Dois Minutos de Ódio variava todos os dias, mas o principal personagem era sempre Goldstein. Ele era o traidor original, o primeiro conspirador da pureza do Partido. Todos os crimes subsequentes contra o Partido, todas as perfídias, sabotagens, heresias, todos os desvios eram resultado direto de sua pregação. (ORWELL, 2019, p. 53).

Goldstein supostamente escreveu um livro, intitulado **Teoria e prática do coletivismo oligárquico**, com o objetivo de denunciar as mentiras contadas pelo Partido e recrutar membros para a sua resistência. Em um dado momento do livro, esse livro chega às mãos de Winston, entregue por um membro da Confraria. A partir desse momento, Winston teve a sensação de que havia encontrado um propósito para sua vida, supondo que ele não estava sozinho em seu desprezo pelo Partido.

Winston se entregou totalmente ao ideal revolucionário, mesmo sabendo que poderia morrer na tentativa de libertar-se do poder totalizador do Partido. Julia, por outro lado, “odiava o Partido, e dizia isso com palavras grosseiras, mas não o criticava globalmente. Só se interessava pela doutrina do Partido quando ela dizia respeito a sua vida particular” (ORWELL, 2019, p. 179). Isso mostra diversos aspectos dos personagens. Enquanto Winston

se alistava para a Confraria e sonhava com sua liberdade, Julia queria apenas aproveitar os raros momentos em que eles acreditavam estar distantes da vigilância da Polícia das Ideias.

Cabe mencionar que em nenhum momento houve luta armada entre o Partido e a Confraria, pois o Núcleo Interno do Partido criou a narrativa de um conflito interno para enganar Winston, Julia e qualquer outro indivíduo que imaginasse haver uma força que pudesse lutar contra o Grande Irmão. No fim, provavelmente não existia um homem chamado Emmanuel Goldstein, muito menos um movimento contrarrevolucionário intitulado Confraria. Essa possibilidade é muito assustadora, pois mostra a força do poder exercido no território da Oceânia.

3.3 TOTALITARISMO EM OCEÂNIA

Nesta última seção abordaremos os dois principais mecanismos de controle da população utilizados pelo Partido: as teletelas e a criação da Novilíngua (ou Novafala). Elas são as armas mais potentes do Partido para identificar qualquer insurgência individual e/ou coletiva que venha ocorrer.

3.3.1 A Novafala e a restrição do pensamento

O Partido dominava todas as esferas da sociedade oceânica, mas havia uma em particular que estava sendo colocada em prática: a criação da Novafala, a língua própria do *Socing*. Sua principal finalidade seria o de excluir palavras e extinguir o pensamento-crime, já que os cidadãos não conseguiriam formular pensamentos críticos quando essa língua for totalmente incorporada ao território.

Segundo Claval (2007), a língua é um código, na qual seus falantes conseguem se entender e podem expressar seus sentimentos, opiniões e vivências. A manipulação da língua modifica toda a sua estrutura, conforme pode ser visto na obra. Em Oceânia, a Décima Primeira Edição do **Dicionário de Novafala** estava sendo compilado por uma equipe de filólogos. Entre esses especialistas estava Syme, colega de Winston que trabalha no Departamento de Pesquisas. Em um diálogo entre os dois, Syme expõe o motivo por trás da destruição das palavras:

Você não vê que a verdadeira finalidade da Novafala é estreitar o âmbito do pensamento? No fim teremos tornado o pensamento-crime literalmente impossível,

já que não haverá palavras para expressá-lo [...] A revolução estará completa quando a linguagem for perfeita. A Novafala é o Socing, e o Socing é a Novafala. (ORWELL, 2019, p. 97).

De acordo com Syme, o Dicionário de Novafala tem a missão de destruir palavras inúteis. Segundo ele, a Décima Primeira Edição do dicionário é a definitiva, na qual sua implementação fará com que a sociedade seja obrigada a aprender o novo código de linguagem do superestado. É notória a percepção de que os habitantes de Oceânia estão tão dominados a ponto de comemorar a destruição de sua história, base familiar e língua, suas principais bases culturais. Em outro trecho, Syme prossegue sua explicação sobre a nova língua oficial do Socing:

Que coisa bonita, a destruição de palavras! Claro que a grande concentração de palavras inúteis está nos verbos e adjetivos, mas há centenas de substantivos que também podem ser descartados. Não só os sinônimos; os antônimos também. Afinal de contas, o que justifica a existência de uma palavra que seja simplesmente o oposto de outra? Uma palavra já contém em si mesma o seu oposto. Pense em “bom”, por exemplo. Se você tem uma palavra como “bom”, qual é a necessidade de uma palavra como “ruim”? “Desbom” dá conta perfeitamente do recado. (ORWELL, 2019, p. 96).

No trecho acima percebe-se a intenção do Partido em adequar a Novafala aos seus interesses dominantes. A Novafala é “aprimorada” a cada edição, promovendo o empobrecimento linguístico e a conseqüente alienação das pessoas. A língua oficial do território anterior à guerra que levou o *Socing* ao poder estava sendo aniquilada em doses homeopáticas. No fim, restará apenas a Novafala e com ela a alienação das massas, que não terão vocabulário para formular pensamentos críticos sobre nenhum tema, especialmente opiniões políticas. No futuro existirá apenas a hegemonia do Grande Irmão e todas as pessoas serão seus fiéis súditos, adorando uma figura estampada em *outdoors* e comemorando cada “ato benéfico” realizado pelo Partido.

3.3.2 As teletelas como mecanismo de vigilância

O regime totalitário vigente em Oceânia possui diferentes formas de manipular a população e se perpetuar no poder. Vimos anteriormente o projeto de destruição da língua e a criação da Novafala, que diminui o vocabulário e, conseqüentemente, a capacidade de pensamento crítico. Entretanto, o instrumento mais eficaz para capturar criminosos do pensamento são as teletelas. Se trata de dispositivos instalados em diversas repartições, como praças, prédios e até mesmo em residências.

As teletelas funcionam o tempo todo. Entre suas funções estão os pronunciamentos feitos pelo Partido e transmissão de atividades recreativas. Mas sua principal utilidade se encontra em sua capacidade de não apenas transmitir, mas de captar sons e imagens das pessoas. Qualquer pessoa próxima de uma teletela corre o risco de estar sendo vigiada pela Polícia das Ideias. Se por um instante uma pessoa se descuidar e fizer alguma expressão facial que seja considerada suspeita pela Polícia, certamente correrá o risco de ser investigada – ou vaporizada. A seguir, vemos como supõe-se que esse mecanismo era utilizado:

A teletela recebia e transmitia simultaneamente [...] Claro, não havia como saber se você estava sendo observado num momento específico. Tentar adivinhar o sistema utilizado pela Polícia das Ideias para conectar-se a cada aparelho individual ou a frequência com que o fazia não passava de especulação. Era possível inclusive que ela controlasse todo mundo o tempo todo. (ORWELL, 2019, p. 45).

A vigilância exercida por meio das teletelas vai de encontro ao pensamento foucaultiano sobre o poder disciplinar. As pessoas poderiam estar sendo diariamente vigiadas, ou não. Só o fato de não saber se sua privacidade estava sendo violada já é motivo suficiente para que as ações da população fossem reprimidas, fortalecendo a permanência do Partido no controle do território. Entretanto, como salienta Pavloski (2005), a tecnologia apresentada em *1984* não é um fim, mas um meio de manter a população controlada. Assim, as teletelas são apenas um mecanismo de controle social que torna a vigilância do Partido mais eficiente. A obra descreve o poder tecnológico das teletelas para descobrir possíveis criminosos do pensamento:

Era terrivelmente perigoso deixar os pensamentos à solta num lugar público qualquer ou na esfera de visão de uma teletela. [...] Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, o hábito de falar sozinho [...] era em si uma infração passível de castigo. Havia inclusive uma palavra para isso em Novafala: *rostocrime*. (ORWELL, 2019, p. 106, grifo do autor).

Nota-se que as teletelas possuem uma ênfase central na obra, pois foi por meio de uma teletela que Winston Smith e Julia foram vigiados e no fim, aprisionados. A incorporação dessa tecnologia na obra, levando em consideração à época em que o livro foi escrito, tornou a análise distópica mais assustadora e atual, pois em nossa realidade temos diversos motivos para crer que somos constantemente vigiados por meio das telas de nossos *smartphones*, por governos e por empresas diversas do ramo tecnológico. Em Oceânia, o único espaço em que ainda era possível expressar a aversão ao totalitarismo era na consciência, algo que o Partido se certificou que seria completamente extinguido. No fim, a população se renderia de corpo e alma ao Grande Irmão e não existiria nenhuma evidência para a posteridade de que antes houvera um tempo em que as pessoas eram livres para agir, pensar e expressar emoções.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distopia *orwelliana* foi escrita em um contexto conturbado, em que regimes totalitários se levantavam, como na antiga União Soviética, na Alemanha Nazista e na China Comunista. É nesse ponto que os escritos literários se mostram fundamentais para a análise geográfica, pois através das obras ficcionais pode-se traçar um paralelo com acontecimentos verídicos. Muitos governos que se tornaram totalitários já se travestiram de supostos movimentos revolucionários. A obra foi escrita em meados do século passado, porém, para alguns, é considerada uma profecia, de tão atual que ela é.

Saindo um pouco da ficção, a nossa realidade se assemelha ao que foi proposto pelo autor em uma época em que não existia objetos tecnológicos capazes de realizar esta tarefa. Hoje, por outro lado, temos as câmeras de vigilância, as *webcams* e os *smartphones*. Nos tempos atuais, vivemos em uma sociedade em que o conceito de privacidade já não existe, pois, querendo ou não, somos vigiados pelo governo, por nossos próprios aparelhos eletrônicos, pelas redes sociais e inteligência artificial, que por meio de algoritmos conseguem coletar nossas informações pessoais, como opiniões políticas, preferências de entretenimento e estilo de vida.

Ao analisar o arcabouço literário do século passado, como a distopia e a ficção científica, percebe-se que, intencionalmente ou não, os autores projetaram um futuro não tão distante onde a tecnologia é o principal agente aliado a governos totalitários ou às mídias. Em *1984*, um dos principais meios de controle são as teletelas. Nos dias de hoje, boa parte do que foi escrito por Orwell está em vigor. O tema também é considerado atual pelo fato de ainda na atualidade haver países governados por pessoas e/ou partidos autoritários, que praticam o cerceamento de sua população, restringindo as liberdades individuais e o direito à informação.

Por fim, a relação entre a Geografia e a literatura ainda é uma temática pouco valorizada, mas cada vez mais está chamando a atenção de estudantes e professores do escopo acadêmico. A análise do território distópico em *1984* foi apenas uma das diversas temáticas que podem ser abordadas sobre o livro em pesquisas futuras, na área da Geografia ou em diversas outras. Espera-se que esse trabalho contribua de algum modo para a construção do entendimento entre ciência geográfica e Literatura.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ATWOOD, Margaret. **O conto da Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BASTOS, Ana Regina Vasconcelos Ribeiro. Espaço e Literatura: Algumas Reflexões Teóricas. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 5, p. 55-66, 1998.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências, 13 A 17 DE JULHO, 2008, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf. Acesso em: 12 jul. 2022.
- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Tradução de Cid Knipel. 2. ed. São Paulo: Globo, 2012. 216p.
- BRADFORD, Richard. **Orwell: um homem do nosso tempo**. Tradução de Renato Marques de Oliveira. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas Livros, 2020. 376p.
- BROSSEAU, Marc. **Geografia e literatura**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Geografia Cultural: uma antologia. v. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 265-292.
- CARNEIRO, Lidiane; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. Totalitarismo, moral e educação: interconexões (im)possíveis?. **Revista HISTEDBR On-line**, n. 31, p. 153-166, Campinas, set., 2008.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 176p.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. 453p.
- COLLINS, Suzanne. **Trilogia Jogos Vorazes**. Tradução de Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e castigo**. Tradução de Oleg Almeida. São Paulo: Martin Claret, 2019. 584p.
- FERNANDES, Felipe Moura. Geografia e Literatura (Ciência e Arte): proposições para um diálogo. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 33, p. 167-176, jan./jun., 2013.
- FERNANDEZ, Gabriela Rodriguez. **A cidade como foco da imaginação distópica: literatura, espaço e controle**. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Geografia Cultural: uma antologia. v. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 35-56.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo, Graal: 2012.

FROMM, Erich. **Posfácio**. In: ORWELL, George. 1984. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 365-380.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Geografia: conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 165-206.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, ano IX, n. 17, p. 19-46, 2007.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 270p.

HUGO, Victor. **Os miseráveis**. Tradução de Regina Célia de Oliveira. São Paulo: Martin Claret, 2014. 1511p.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. 22. ed. São Paulo: Globo, 2014. 314p.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia: a noção de região no pensamento geográfico**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). Novos caminhos da Geografia. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 187-204.

LIMA, Antonio Balbino Marçal de. **O que é fenomenologia**. In: LIMA, Antonio Balbino Marçal de. (org.). Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus: Editus, 2014. p. 9-14.

LOUREIRO, Marise; FARINACCIO, Pascoal. Controle dos corpos, gestão dos afetos e distopia: lógicas de poder em 1984 e White Bear. **Revista Abusões**, n. 12, v. 12, ano 6, p. 45-71, maio, 2020.

MARQUES, Marcos Aurelio. Interdisciplinaridade e poder em Michel Foucault: outras imagens para a Geografia. **Entre-Lugar**, Dourados/MS, ano 5, n. 9, p. 40-51, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. **Uma odisseia no espaço: a Geografia na Literatura**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). Temas e caminhos da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 73-113.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 544p.

PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 304p.

PAVLOSKI, Evanir. **1984: A distopia do indivíduo sob controle**. Curitiba, 2005. 285p. Dissertação (Mestrado em Letras) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2019. 176p.

SOUSA, Sáskia dos Passos de. **Distopia em 1984 de Orwell: Mecanismos sócio jurídicos de Controle Social**. 2018. 78p. Monografia (Bacharelado em Direito) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116.

STÜRMER, Arthur Breno; COSTA, Benhur Pinós da. Território: aproximações a um conceito-chave da geografia. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 50-60, 2017.

TAVARES, Débora Reis. **A escrita política de George Orwell**. 2019. 184p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. 248p.

WIERZCHOWIKI, Letícia. **A casa das sete mulheres**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017. 462p.

ZAMIÁTIN, Ievguêni. **Nós**. Tradução de Gabriela Soares. São Paulo: Aleph, 2017. 344p.